



PANDEMIA E ACADEMIA EM CASA: DESIGUALDADES, DESAFIOS E PERSPETIVAS DE FUTURO*



VIRGÍNIA FERREIRA

FACULDADE DE
ECONOMIA E CENTRO
DE ESTUDOS SOCIAIS
DA UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



CRISTINA C. VIEIRA

FAC. DE PSICOLOGIA
E DE CIÊNCIAS DA
EDUCAÇÃO DA UNIV.
DE COIMBRA E CENTRO
DE INVESTIGAÇÃO EM
EDUCAÇÃO DE ADULTOS
E INTERVENÇÃO
COMUNITÁRIA DA UNIV.
DO ALGARVE



MÓNICA LOPES

CENTRO DE ESTUDOS
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE
DE COIMBRA



**CAYNNÃ DE CAMARGO
SANTOS**

CENTRO DE ESTUDOS
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE
DE COIMBRA

Durante o primeiro confinamento desencadeado pela crise pandémica, começaram desde logo a surgir os alertas iniciais para o maior e mais negativo impacto que a situação estava a ter nas mulheres académicas.¹ Foi neste contexto de incertezas sobre o futuro, em termos de surgimento de novas fontes de desigualdades, ou de agravamento das já existentes, que o projeto “*Pandemia e Academia em casa - que efeitos no ensino, investigação e carreira? Estudo sobre as mudanças no sistema científico e de ensino superior*” foi desenhado. Definimos como objetivo do estudo averiguar até que ponto se confirmavam os primeiros indícios do diferencial de impacto das alterações registadas nas condições laborais e familiares de mulheres e homens que se dedicam à docência no Ensino Superior e/ou à investigação científica, concentrando a análise nas instituições académicas inseridas na rede pública. Além da perspetiva de género, pretendemos também perceber como outros fatores de diferenciação tinham relevância no impacto sentido. Acrescentámos, assim, a perspetiva interseccional - ou seja, uma perspetiva analítica sensível à natureza multidimensional das desigualdades e ao modo como estas são formatadas pela interação complexa de variados marcadores sociais de diferença.

.....

1
Ver, por exemplo: Viglione, Giuliana (2020). Are women publishing less during the pandemic? Here's what the data say. *Nature*, 581, 365–366. <https://doi.org/10.1038/d41586-020-01294-9>; Minello, Alessandra (2020). The pandemic and the female academic. *Nature*, Advance online publication. <https://doi.org/10.1038/d41586-020-01135-9>.



De maneira complementar, quisemos saber até que ponto as instituições tinham tomado medidas que ajudassem a atenuar os efeitos mais prejudiciais das alterações ocorridas nos modos de ensinar e de investigar. Nesta vertente, ocupámo-nos especialmente das estratégias institucionais postas em curso para enfrentar e mitigar as consequências da pandemia, analisando a sua natureza e as percepções do pessoal académico acerca da sua eficácia.

Para concretizar a produção do conhecimento almejado, traçámos um plano misto de investigação, cuja operacionalização envolveu a análise documental dos Planos de Contingência elaborados por 14 instituições do ensino superior público (sete universidades e sete institutos politécnicos) seleccionadas para integrar a amostra, de modo a cobrir todo o território nacional. Procedemos também à condução de um inquérito *online* a docentes e investigadoras/es, que originou 1.750 questionários validados, realizámos entrevistas a docentes e investigadoras/es (4 *focus groups*, pelos quais se distribuíram 31 participantes), e 7 entrevistas semiestruturadas a representantes de entidades relevantes para o sistema de ensino superior e científico nacional.

Apresentamos em seguida alguns dos resultados do estudo, organizados de acordo com os principais eixos analíticos mobilizados na investigação.

AS INSTITUIÇÕES E A PANDEMIA: ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO

A análise dos Planos de Contingência das 14 instituições seleccionadas revelou sobretudo **grande investimento nas medidas de prevenção e combate à pandemia e de adaptação ao ensino remoto de emergência, em contraste com uma relativa despreocupação com o impacto que estas medidas teriam no pessoal académico.** O mais próximo desta preocupação que encontramos foi a disponibilização de apoio psicológico em apenas seis dessas instituições.

A partir dos resultados obtidos através do *web survey*, tanto nas perguntas fechadas

como nos 829 depoimentos deixados espontaneamente pelas pessoas inquiridas, para justificar a classificação atribuída ao apoio recebido das instituições durante a crise pandémica, verificámos que cerca de metade reconheceu o esforço feito pelas instituições. Em alguns dos depoimentos, o tom é compassivo – “a instituição fez o que pôde...”. Os comentários ao apoio recebido das instituições durante a pandemia foram, efetivamente, em geral positivos (54,4%), sem grande diferença entre os sexos (54,2% das mulheres e 54,7% dos homens). Os fundamentos para essa moderada satisfação residiram:

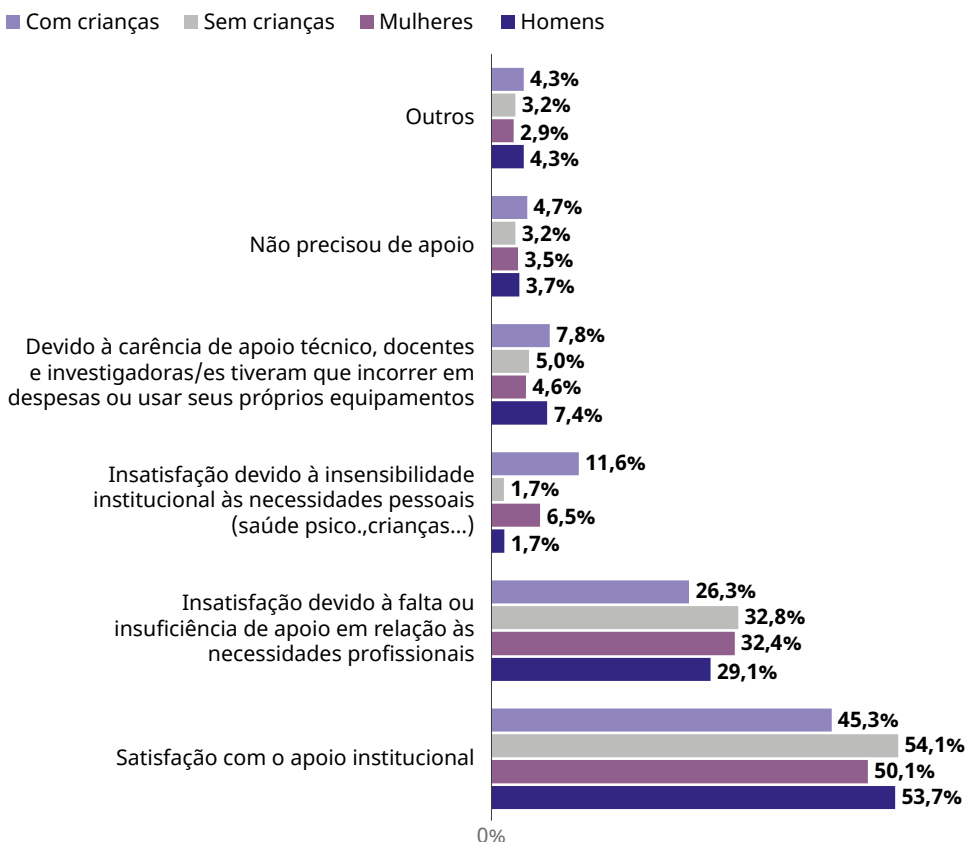
- na **disponibilização de formação para a docência em modelo remoto;**
- no **grande apoio dos serviços informáticos e técnicos das instituições para dirimir quaisquer dúvidas ou ajudar em dificuldades pontuais;**
- e na **disponibilização de equipamentos (bastante menos frequente).**

Já não encontramos tanta resignação nos comentários das pessoas que têm crianças menores de 13 anos ao seu cuidado – neste caso, os comentários positivos não vão além dos 45,3%. Os depoimentos que expressam insatisfação com o apoio recebido concentram-se nos aspetos instrumentais, especialmente de equipamento, indispensáveis à execução das tarefas de docência e investigação. Com menor incidência encontramos justificações de ordem pessoal, relativamente à situação familiar ou à falta de condições logísticas para o teletrabalho. **Os homens evidenciaram mais descontentamento pela falta de apoio institucional, no que respeita a equipamentos e consumos, enquanto as mulheres o fizeram mais frequentemente em relação às condições pessoais e familiares para o teletrabalho.** Mulheres e homens com crianças menores de 13 anos, por seu turno, manifestaram mais frequentemente insatisfação quer pela falta de apoio a nível pessoal, quer pela falta de apoio logístico e de equipamentos.

Foi observada uma considerável diferença nos níveis gerais de satisfação de

GRÁFICO 1

Comentários de docentes e investigadoras/es a apoios institucionais



investigadoras/es e de docentes em relação ao apoio institucional recebido. Expressaram satisfação 54,4% das/os docentes, face a apenas 37,3% das/os investigadoras/es.

Tanto a análise documental como os testemunhos espontâneos vertidos para os questionários mostram que tanto as direções das instituições, como as pessoas que nelas trabalham, tiveram que tomar decisões muito rapidamente e, sem os alertas exigidos pela situação, reagiram seguindo as lógicas habituais. Estas ditam que não são da responsabilidade das instituições as condições com que cada pessoa que nelas ensina e/ou investiga consegue acomodar as responsabilidades profissionais e familiares. O modo como essa acomodação é ou não conseguida é remetida para a esfera privada. As instituições assumiram que a criação de condições de trabalho em

regime remoto era um problema individual, pouco atentando nas circunstâncias concretas de vida de cada pessoa. Não lhes foi perguntado se possuíam o equipamento necessário, se o espaço em casa era adequado ou se possuíam as competências pedagógicas para o ensino remoto de emergência. Como afirmou uma professora universitária, com 54 anos de idade: *“Começaram a construir uma casa pelo telhado sem pensar nas pessoas que lá vão habitar (metaforicamente falando).”*

O TRABALHO DOMÉSTICO EM PANDEMIA – EM CASA E NA ACADEMIA

O aumento do trabalho doméstico durante a crise pandémica foi uma realidade transversal aos mais variados grupos sociais. Para

avaliar as alterações produzidas no dia-a-dia de docentes e investigadoras/es, no tocante ao desempenho de tarefas não profissionais, foi-lhes solicitado que nos informassem sobre mudanças na frequência com que realizavam diversas atividades.

Das pessoas inquiridas, quase metade (47,7%) reportou mudança no que diz respeito a cozinhar refeições para a família, mais de um terço (38,9%) passou a limpar a casa ou a fazê-lo com mais regularidade e uma em cada quatro pessoas reportou aumento no desempenho de tarefas diversas, das quais são exemplos: o tratamento da roupa (29,5%); fazer compras (25,7%); ajudar as crianças a acompanhar as aulas a distância (24,0%) ou acompanhá-las nos trabalhos escolares (21,2%). As mudanças no desempenho de atividades domésticas não afetaram de igual modo os homens e as mulheres, tendo estas reportado com maior frequência aumento de carga de trabalho em 12 das 13 tarefas abordadas no questionário.

Nas respostas à interrogação sobre as circunstâncias que afetaram negativamente o desempenho académico desde o início da crise pandémica, as mulheres e as pessoas (de ambos os sexos) coabitantes com crianças com 12 ou menos anos reportaram significativamente maior impacto. As mulheres, especificamente, assinalaram maior impacto em sete das nove circunstâncias apontadas:

- responsabilidades de atenção/apoio/cuidado à família;
- necessidade de apoiar crianças/jovens nas atividades escolares;
- aumento do trabalho doméstico;
- falta de concentração;
- condições para a realização de trabalho científico;
- saúde mental/estado emocional

com a situação;

- acumulação de tarefas e dificuldade em atendê-las.

Quisemos também perceber quais foram os padrões que marcaram a divisão do trabalho profissional nas instituições académicas sob a COVID-19. Neste seguimento, as mulheres reportaram um aumento desproporcional no tempo dedicado a atividades académicas pouco valorizadas e visibilizadas – o chamado “trabalho doméstico académico”²:

- Tempo para atendimento a estudantes: 56,6% das mulheres reportaram aumento (face a 45,8% dos homens)
- Tempo dedicado a atividades de gestão para as instituições: 47,7% das mulheres reportaram aumento (39,9% entre os homens)

As instituições assumiram que a criação de condições de trabalho em regime remoto era um problema individual, pouco atentando nas circunstâncias concretas de vida de cada pessoa.

Os resultados demonstram que a tendência observada anteriormente na literatura – o facto de as mulheres dispensarem mais cuidados às instituições e ao corpo estudantil – não apenas foi mantida, como parece ter sido agudizada como efeito colateral da pandemia. Em contraste, os homens reportaram mais frequentemente um aumento do tempo dedicado a atividades de transferência e divulgação (apresentações em encontros científicos, organização de seminários, ações de formação, etc.). Ou seja, enquanto as mulheres dedicaram mais tempo a tarefas sem visibilidade – cujo desempenho, apesar de essencial para o funcionamento das instituições científicas, pouco contribui para a progressão na carreira docente e de investigação –, os homens dedicaram mais tempo a atividades académicas de maior prestígio, maior visibilidade e mais benéficas para os seus percursos profissionais. ▶

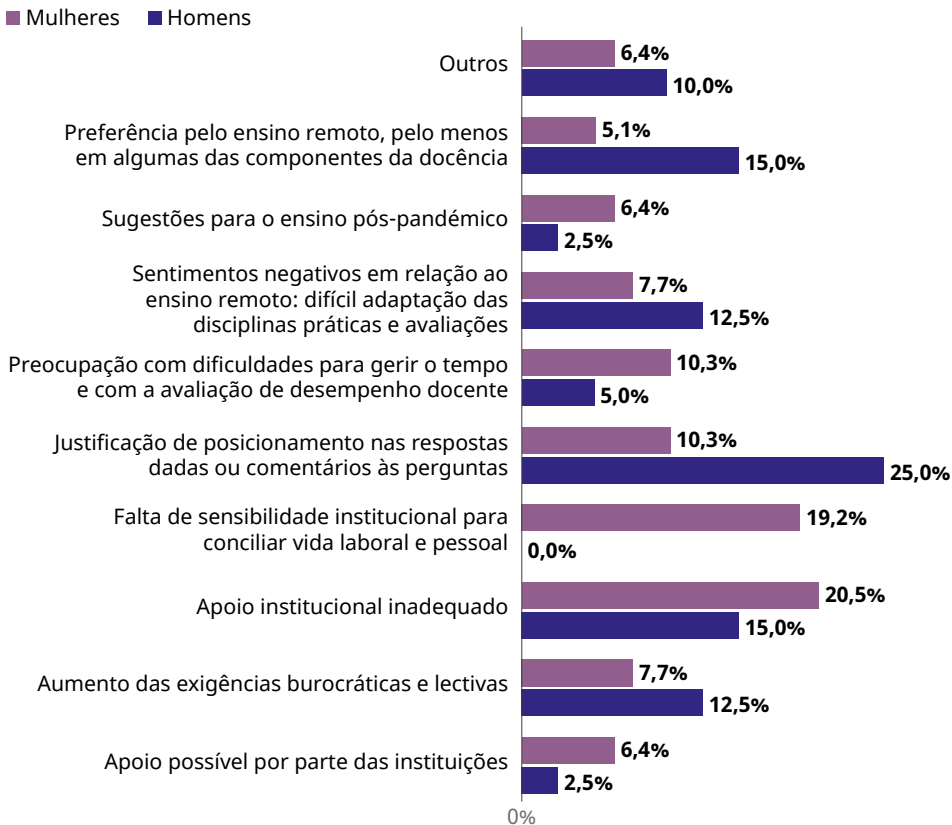


2

Heijstra, Tamar M., Einarsdóttir, Þorgerður, Pétursdóttir, Gyða M. & Steinþórsdóttir, Finnborg S. (2017). Testing the Concept of Academic Housework in a European Setting: Part of Academic Career-Making or Gendered Barrier to the Top? *European Educational Research Journal*, 16 (2-3), 200-214. <https://doi.org/10.1177/1474904116668884>.

GRÁFICO 2

Comentários de docentes relativamente às estratégias de adaptação ao ensino remoto, em função do sexo (n=118).



DOCÊNCIA E INVESTIGAÇÃO EM TEMPOS DE ENSINO REMOTO DE EMERGÊNCIA: RESULTADOS (IN)CUMPRIDOS E EXPERIÊNCIAS

Tal como em outras profissões, foram diversas as exigências enfrentadas para o exercício da docência no ensino superior durante a pandemia. Em muitos casos houve necessidade de investimento financeiro em equipamentos e em custos diários de energia e de rede de internet, o que agravou o peso da pandemia sobre algumas famílias, havendo da parte das/os docentes a convicção de que também as/os discentes enfrentavam condições diversas e, por vezes, adversas de

aprendizagem e de compromisso com as tarefas académicas.

Em relação às perceções expressas através das respostas fechadas e das perguntas abertas do questionário eletrónico sobre as eventuais vantagens e desvantagens do ensino remoto de emergência, foi possível depreender um entusiasmo apenas modesto por parte de docentes, havendo maior ceticismo por parte das mulheres, nomeadamente no que concerne às semelhanças entre ensino remoto de emergência e ensino presencial, ou ao facto de se alcançarem resultados equivalentes de aprendizagem com estas modalidades desiguais de organização dos ambientes de aprendizagem. Talvez pelas suas

maiores dificuldades de conciliação de tarefas e de gestão do tempo, foram também as mulheres que no período pandémico considerado se revelaram mais favoráveis à comunicação por via remota, seja para encontros científicos, ou para reuniões de trabalho.

As redes sociais informais de suporte parecem ter sido muito mais valorizadas e reconhecidas pelas mulheres docentes do que pelos homens docentes, fruto talvez da ordem social de género, que as levou a considerar, mais do que eles, o apoio de colegas e de pessoas especializadas das instituições como fundamental para enfrentar as dificuldades no uso imprevisto das tecnologias no ensino. Também se destaca das respostas obtidas uma preocupação maior nas mulheres com questões de justiça e de exercício ca-

investigação em curso pelo encerramento das instituições. Elas foram, por conseguinte, o grupo mais afetado pela pandemia, também nesta vertente do trabalho na Academia.

“CONFINAR E PERECER”? PANDEMIA E SEUS EFEITOS NO DESEMPENHO ACADÉMICO

Os dados obtidos evidenciam a desproporcionalidade do impacto das disrupções domésticas/familiares, académicas e de saúde (física e mental) decorrentes da COVID-19 sobre as rotinas profissionais e sobre desempenho e produtividade académica das mulheres durante a crise pandémica, particularmente das mais jovens e daquelas com pessoas dependentes ao cuidado.

Em muitos casos houve necessidade de investimento financeiro em equipamentos e em custos diários de energia e de rede de internet, o que agravou o peso da pandemia sobre algumas famílias,...

bal da cidadania individual por parte do corpo estudantil, quando concordaram, mais do que os seus colegas, que poderia haver mais fraude e desculpas enganosas de estudantes, relativamente ao uso dos meios digitais da comunicação *online*. Houve ainda mais concordância, por parte das mulheres docentes, com a afirmação de que a pandemia veio agravar as desigualdades já existentes entre discentes e que não são explicadas por fatores económicos.

Quanto às reações a perguntas sobre a evolução dos planos de investigação, em diferentes áreas, previstos ou já em curso, a concordância das mulheres docentes foi significativamente superior à dos homens, em aspetos como: a necessidade de parar a investigação em laboratório durante os períodos de confinamento; a alteração completa de metodologias de investigação previstas; a paragem ou a desistência de entrega de trabalhos planeados; o bloqueio dos projetos de

Os resultados apontam, como já referido, para o reforço das desigualdades de género na divisão do trabalho académico durante o período pandémico, as quais se encontram refletidas, nomeadamente, no agudizar dos desequilíbrios na alocação de tempo a atividades de investigação fundamentais para a progressão na carreira, reputação externa e promoção institucional.

O padrão geral de mudança na afetação de tempo aos diversos domínios da atividade académica (docência, investigação, gestão e transferência e disseminação) revela uma tendência geral de reorientação do pessoal académico para as tarefas de docência, especialmente a preparação de aulas e avaliações (73% assinalou que despendeu mais tempo), em detrimento das atividades de transferência e divulgação e de algumas tarefas de investigação, nomeadamente a realização de trabalho de campo/laboratorial. O esforço de reorientação para as tarefas de docência e de

TABELA 1
Circunstâncias que afetaram negativamente o desempenho académico desde o início da crise pandémica: representação gráfica dos resultados das equações de regressão

Legenda: (+) Indica tendência de maior afetação negativa (-) Indica tendência de menor afetação negativa.

	Índice Geral	Fatores domésticos e familiares	Fatores académicos	Fatores de saúde
Mulher	+	+	+	+
+ Jovem	+	+	+	+
Em casal	+	+	+	
Com crianças < 12	+	+	+	
Prestador/a de cuidados especiais	+	+	+	+
Com integração na carreira		+	+	
Tempo inteiro	+	+	+	+
> Antiguidade			-	
Subsistema Universitário				-

cuidado institucional não foi, todavia, uniforme na amostra, sendo particularmente devedor da dedicação das mulheres. O reforço do tempo despendido com a docência e o acompanhamento a estudantes e a diminuição do tempo dedicado à investigação não garantem as condições para uma justa evolução na carreira das mulheres e põe em risco a qualidade do ensino e o desenvolvimento da vertente investigativa.

Ao revelar assimetrias na divisão do trabalho académico, o estudo permite-nos perspetivar as desigualdades de género “pandémicas” como resultando não apenas da divisão desigual do trabalho reprodutivo privado, externo à Academia, mas também como consequência das assimetrias no trabalho profissional, que são internas à Academia.³

Sem desconsiderar a relevância da dimensão interna/institucional das desigualdades identificadas, o estudo releva o impacto do aumento das tarefas de cuidado/apoio escolar associadas à maternidade e à paternidade

sobre o volume e organização do tempo disponível para o trabalho profissional. Um resultado particularmente saliente releva a situação de fragilidade do pessoal académico com crianças pequenas, em termos de possibilidades de dedicação de tempo ao trabalho profissional, já que a presença de crianças com menos de 13 anos no agregado é um importante preditor do desinvestimento em todos os domínios da atividade académica. Não por acaso, 25% das pessoas respondentes com crianças com menos de 13 anos afirmaram que o seu desempenho científico na pandemia ficou aquém do esperado (face a 19% das pessoas que não coabitavam com crianças pequenas).

O reforço das assimetrias de género e associadas à parentalidade nas possibilidades de dedicação à vertente de investigação encontra, naturalmente, ressonância nas condições de produção de outputs científicos no contexto pandémico, nomeadamente os mais valorizados na apreciação do mérito e



3
Pereira, Maria do Mar (2021). Researching gender inequalities in academic labor during the COVID-19 pandemic: Avoiding common problems and asking different questions. *Gender, Work & Organization*, 28(52), 498–509. <https://doi.org/10.1111/gwao.12618>.

25%
**das pessoas respondentes
 com crianças com menos
 de 13 anos afirmaram que
 o seu desempenho científico
 na pandemia ficou aquém
 do esperado**

excelência acadêmicos. O estudo aponta para a maior severidade da pandemia na produtividade científica das mulheres, especialmente com crianças pequenas, expressando assim uma tendência de agudização da penalização da maternidade na academia no contexto pandêmico.

A MICROPOLÍTICA DE GÊNERO NA ACADEMIA SOB A COVID-19

Com o intuito de identificar algumas das tendências gerais que marcaram as relações cotidianas sob a COVID-19, foi solicitado a docentes e a investigadoras/es que partilhassem as suas percepções quanto às reações relativamente ao seu trabalho académico durante a crise pandémica. **As mulheres reportaram com maior frequência reações como o silêncio; a exclusão; ser ignorada/ultrapassada; falta de validação; invisibilidade e menorização.**

Alguns dos comentários vertidos a propósito desta questão são elucidativos do “mau ambiente” (*chilly climate*) institucional, mesmo sem pandemia, que as mulheres enfrentam nas instituições de ensino superior. Os padrões de tratamento desigual presentes no ambiente académico, à medida que se acumulam, minam a confiança, a autoestima e têm impactos negativos em especial nos desempenhos das mulheres.⁴

As desigualdades de género são fenómenos multinível – isto é, consistem em hierarquias produzidas pela articulação e reforço mútuo de processos que ocorrem a nível macroestrutural/institucional, interpessoal e

individual. Dessa forma, as experiências de silenciamento, exclusão, menorização, ser ignorada, falta de validação e invisibilização, entre outros exemplos, evidenciadas pelos nossos resultados, podem ser compreendidas como formas de microsexismo que continuaram a acompanhar as vivências cotidianas de mulheres docentes e investigadoras durante a crise pandémica, coartando as possibilidades de as mesmas desenvolverem sentimentos fortes de pertença às instituições e à comunidade científica.

O FUTURO DA ACADEMIA NO PÓS-COVID-19

Procurando dar respostas aos múltiplos desafios enfrentados pela Academia na sequência da crise pandémica e evidenciados pelo nosso estudo, elaborámos um conjunto de trinta recomendações, que compilámos no documento *Policy Brief: Propostas para uma Academia mais Igualitária no Pós-COVID-19*. Centradas em quatro dimensões, as medidas recomendadas são norteadas pelo objetivo comum de promover um processo amplo de reconstrução proativa e cooperativa da atividade académica no contexto pós-pandémico, **afastando-se da tónica individual que tem caracterizado as elaborações sobre o tema** e abraçando uma perspetiva centrada na articulação de ações ao nível governamental, institucional e comunitário.

No que toca às medidas centradas **no apoio ao ensino e à investigação**, por exemplo, uma das recomendações defende a manutenção da possibilidade de participação remota em reuniões de trabalho e em eventos científicos após a pandemia. Tal medida visa contornar as restrições à mobilidade associadas a responsabilidades de cuidado e/ou a questões de saúde, e beneficiará, em especial, docentes e investigadoras/es com crianças pequenas ou com outras pessoas dependentes a cargo, ou com limitações derivadas de incapacidades ou deficiências ou ainda da escassez de recursos financeiros. Sugere-se também a aposta continuada na preparação de docentes e investigadoras/es, não apenas ao nível das competências técnicas, mas também da literacia digital, para uma



4

Britton, Dana M. (2017). Beyond the Chilly Climate: The Saliency of Gender in Women's Academic Careers. *Gender & Society*, 31(1), 5-27. <https://doi.org/10.1177/0891243216681494>



ALEX IN BKNY /VISUALHUNT

utilização pedagógica de recursos e dispositivos tecnológicos que possam complementar e enriquecer as práticas mais convencionais de docência no ensino superior. Outra proposta envolve a manutenção do esforço já iniciado de digitalização dos acervos bibliográficos, para que fiquem disponíveis mais facilmente a estudantes e docentes, sem prejuízo da valorização dos espólios físicos disponíveis em cada instituição. Esta medida contribuirá também para uma cada vez maior democratização do acesso à ciência, bem como para a promoção da sustentabilidade e da proteção dos recursos naturais e do planeta.

Quanto a iniciativas centradas na avaliação de desempenho e critérios de admissão e progressão na carreira, uma das medidas recomendadas prevê o reforço do peso da componente de docência e serviço acadêmico (nomeadamente face à de investigação) na avaliação de desempenho e critérios de acesso e progressão na carreira docente. Com isso, procura-se reconhecer as mais elevadas exigências ao nível do trabalho docente, derivadas da necessidade de adaptação de cursos e aulas ao formato digital, e a nível do desempenho de tarefas de atendimento e acompanhamento ao corpo discente, intensificadas

com as alterações às condições de ensino/aprendizagem e que tenderão a ter repercussões nas dinâmicas de comunicação futuras.

Docentes e investigadoras/es identificaram, por vezes, fragilidades no apoio técnico recebido durante o período de teletrabalho, especialmente no que respeita à disponibilização de logística adequada e de equipamentos informáticos. Assim, uma das medidas que recomendamos, centrada no apoio técnico, sublinha a necessidade de aplicação das determinações da nova regulamentação

A “reconstrução” que propomos é informada pela necessidade de edificarmos estruturas protetivas de longo prazo, que sejam resilientes a futuras disrupções derivadas de circunstâncias exógenas às instituições científicas e que convoquem todas as pessoas, seja qual for o seu papel, a implicar-se e a agir.

do teletrabalho. De acordo com a nova regulamentação (Lei 83/2021), os equipamentos e sistemas para realizar o trabalho em regime remoto são da responsabilidade da entidade empregadora, bem assim como as despesas adicionais que, comprovadamente, sejam suportadas como consequência direta da aquisição ou uso dos equipamentos e sistemas informáticos ou telemáticos necessários à realização do trabalho, por parte do pessoal académico.

Por fim, um fator gerador de especial insatisfação de docentes e investigadoras/es é a insensibilidade institucional quanto às questões pessoais e familiares durante o período de trabalho remoto. Neste sentido, uma das **medidas centradas no cuidado individual** que propomos consiste na disponibilização de creches e demais serviços de cuidados a crianças, preferencialmente nos *campi* das instituições. Tais serviços deverão ser oferecidos pelas instituições a todas as pessoas da Academia que deles necessitem, independentemente da posição que ocupam na carreira científica ou da natureza dos seus vínculos contratuais e incluindo pessoal não docente.

As recomendações que formulamos desafiam as instâncias governamentais, as instituições de Ensino Superior e de Investigação Científica e as organizações representativas de quem se dedica à docência e/ou à investigação a aprender com as lições da pandemia. Entendemos o processo de reconstrução da atividade académica no pós-COVID-19 como envolvendo não apenas medidas de carácter imediatista, isto é, que se centram unicamente na remediação de dificuldades atualmente vivenciadas por docentes e investigadoras/es devido à crise pandémica (importa sublinhar, ainda não plenamente superada). A “reconstrução” que propomos é informada pela necessidade de edificarmos **estruturas protetivas de longo prazo, que sejam resilientes a futuras disrupções** derivadas de circunstâncias exógenas às instituições científicas e que convoquem todas as pessoas, seja qual for o seu papel, a implicar-se e a agir. Um esforço dessa natureza envolve, necessariamente, a construção de sistemas de ensino e investigação mais inclusivos, equitativos e cooperativos. •



Os resultados aqui apresentados foram obtidos no âmbito do Projeto *Pandemia e Academia em casa - que efeitos no ensino, investigação e carreira? Estudo sobre as mudanças no sistema científico e de ensino superior*, que teve como objetivo conhecer as estratégias de adaptação ao trabalho docente e de investigação sob a COVID-19, por instituições e pelos diferentes grupos que compõem o pessoal académico. Foi financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia – FCT (Projeto 77, da linha de financiamento GENDER RESEARCH 4 COVID-19). O Projeto decorreu entre agosto de 2020 e setembro de 2021. O *ebook Pandemia e Academia em Casa - efeitos no ensino, na investigação e na cidadania académica sob uma perspetiva de género* apresenta uma versão alargada dos resultados obtidos, bem assim como o enquadramento teórico e metodológico. Como forma de dar respostas aos múltiplos desafios enfrentados pela Academia na sequência da crise pandémica, e evidenciados pelo estudo, foi também produzido um *Policy Brief: Propostas para uma Academia mais igualitária no Pós-COVID-19*. Ambas as publicações, bem assim como 4 vídeos com as sínteses dos resultados, estão disponíveis aqui: <https://ces.uc.pt/pt/investigacao/projetos-de-investigacao/projetos-financiados/pandemia-e-academia-em-casa-que-efeitos-no-ensino>

A equipa de investigação foi constituída por: Virgínia Ferreira (Coordenadora) - Investigadora do Centro de Estudos Sociais e Professora Associada da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra; Cristina C. Vieira – Investigadora do Centro de Investigação em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária da Universidade do Algarve e Professora Associada da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra; Mónica Lopes – Investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra; Caynã de Camargo Santos – Investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Colaboraram em diferentes fases: Luísa Winter Pereira (Bolseira); Joana Teixeira Ferraz da Silva (Bolseira) e Florbela Vitória (Estatista)